



LUIZA HUNGARO MONTEIRO

**PSICOLOGIA JUNGUIANA NA CONTEMPORANEIDADE: O EFEITO
DO ABANDONO AFETIVO PATERNO PARA A AUTOESTIMA DA
MULHER ADULTA BRASILEIRA**

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA JUNGUIANA

SÃO PAULO - SP

2024



LUIZA HUNGARO MONTEIRO

**PSICOLOGIA JUNGUIANA NA CONTEMPORANEIDADE: O EFEITO
DO ABANDONO AFETIVO PATERNO PARA A AUTOESTIMA DA
MULHER ADULTA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao IJEP
como requisito parcial para
obtenção do título de especialista
em Psicologia Junguiana.

SÃO PAULO - SP

2024

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar o abandono afetivo paterno e suas sequelas na autoestima feminina a partir da psicologia analítica, aprofundando os conceitos de complexo paterno negativo e processo de individuação. Teve como incentivo para esse trabalho a observação cuidadosa de algumas pacientes durante as sessões de terapia, apontando a importância de examinar mais atentamente a dinâmica entre pai e filha. Isso se deve ao fato de que certos padrões de interação emocional entre o pai e a filha podem influenciar significativamente a psique da jovem. São explorados conceitos como o arquétipo do pai, complexo paterno e o processo de transcender essa relação, destacando a importância da figura paterna na formação psicológica da mulher, influenciando seu desenvolvimento emocional e seu relacionamento com o masculino. O abandono afetivo paterno pode levar a uma falta de referência masculina, afetando principalmente a autoestima da mulher e sua capacidade de lidar com desafios e relacionamentos, tendo em vista que, é fundamental para o desenvolvimento psicológico saudável que o ego estabeleça uma relação promovendo autoconfiança, autoaceitação e autorrespeito. Este estudo é uma pesquisa qualitativa-exploratória que se concentra na relação entre o abandono afetivo paterno e a autoestima das mulheres adultas brasileiras, sendo utilizada uma abordagem exclusivamente bibliográfica. O estudo se restringe ao gênero feminino e não visa compreender as causas do abandono paterno, mas sim suas consequências psicológicas. A hipótese basal sugere que o abandono paterno pode comprometer a autoestima das mulheres adultas. Observou-se que o abandono afetivo paterno atribui

desafios para essa filha em estabelecer um relacionamento com o masculino, gerando medo de progredir na vida, insegurança e baixa autoestima. Por fim, foi possível concluir que o abandono afetivo paterno prejudica o desenvolvimento da autoestima e a jornada de individuação das filhas.

Palavras-chave: autoestima feminina; abandono afetivo; abandono paterno; psicologia analítica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.....	10
1.1 INDIVIDUAÇÃO, INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS	10
1.2 INCONSCIENTE PESSOAL E COMPLEXO	12
1.3 <i>ANIMUS</i> E <i>ANIMA</i>	14
CAPÍTULO 2: AUTOESTIMA E ABANDONO AFETIVO	16
2.1 AUTOESTIMA	17
2.2 A DOR DO ABANDONO AFETIVO PATERNO.....	18
CAPÍTULO 3: UMA COSTURA ANALÍTICA SOBRE AUTOESTIMA E ABANDONO	21
3.1 O PAI ARQUETÍPICO VS O ABANDONO DO PAI REAL	21
3.2 AUTOESTIMA FEMININA E INDIVIDUAÇÃO.....	26
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

A iniciativa para a realização desse trabalho parte do desejo de ampliar as próprias experiências profissionais vividas em atendimento clínico terapêutico, onde majoritariamente ocorrem atendimentos de mulheres adultas que apresentam a queixa de falta de afeto relacional com o pai na infância/adolescência, que se entende como abandono afetivo paterno. Durante a análise minuciosa da dinâmica entre pai e filha, observou-se que certos padrões de interação afetiva entre o pai e a filha podem influenciar o desenvolvimento de características específicas na psique da menina, afetando sua autoestima.

Segundo Sganzerla e Levandowski (2010, p. 299) podem existir vários fatores que levam o indivíduo a sofrer com a ausência do paterno: morte do pai, ausência por questões de atividades laborais, separação conjugal ou distanciamento emocional. Todos os fatores poderão afetar o filho desse pai ausente, levando em consideração a importância do pai no desenvolvimento psicológico do indivíduo da infância até a fase adulta. Para essa pesquisa optou-se por analisar apenas o abandono especificamente afetivo e não os motivos que levaram a filha a ser abandonada, mas sim sequelas afetivas provocadas pelo abandono.

Muito se estuda sobre os danos deixados na vida da criança e do adolescente por conta da falta do relacionamento afetivo com o pai, mas são poucos os estudos realizados com adultos que experienciaram a ausência paterna física e/ou afetiva na

fase da infância e da adolescência no Brasil (DAMIANI; COLOSSI, 2015; BENCZIK, 2011).

A cultura do abandono paterno permeia a construção histórica do Brasil e está presente desde a invasão colonizadora portuguesa no país. Segundo Barbosa e Vieira (2021, p. 336), desde o primeiro contato da mulher indígena com o europeu, a relação carnal predominou sobre a sentimental, uma vez que as mulheres indígenas acabavam por servir de “válvulas de escape” sexual para os portugueses. Dessa relação carnal e sem amor resultaram os primeiros filhos mestiços do Brasil, cujos pais cristãos pouco se importavam em educar, criar ou reconhecer essas crianças, deixando esse papel para as mães indígenas.

Seguindo para a atualidade, os dados mais recentes da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), especificamente no ano de 2021, indicam que 167.285 crianças foram registradas sem o nome do pai no Brasil, segundo a revista da Universidade Federal de Manaus, de agosto de 2022. Na mesma revista, outro parâmetro relevante fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que 11,6 milhões de famílias são formadas por mães solo, ou seja, mães que criam seus filhos sozinhas sem apoio dos genitores (UFMA, 2022).

A negligência afetiva paterna dentro do direito e da constituição se caracteriza por: danos morais, quando os efeitos da ação originam angústia, dor, sofrimento, tristeza e humilhação à vítima. Por mais que o abandono ainda não seja efetivamente de caráter penal, suas sequelas não deixam de ferir no âmbito da dignidade humana (PEREIRA, 2021; WEISHAUPT, 2014).

Para o recorte do abandono afetivo paterno, o artigo de Ana Garcia (2007) com o título: “De pai para filha: as contribuições do pai na construção da identidade da mulher”, observa esse abandono a partir do olhar da psicologia analítica.

Ana Garcia (2007) descreve em seu artigo, dentro do olhar da psicologia analítica, qual a contribuição do pai para a identidade da mulher, e descreve que dependendo da sua relação com ele, essa relação pode contribuir positivamente ou negativamente. A autora relata que o pai realiza um papel importante na construção da identidade da filha. Padrões de afeto, originadas na relação entre o pai e a filha, podem constelar negativamente na psique dessa menina.

Um dos possíveis reflexos negativos, advindos da falta de afeto paterno, pode se apresentar na baixa autoestima feminina. Artigos que estudam sobre a autoestima feminina concluem que as mulheres valorizam a estética como um reflexo da

autoestima, e que mulheres com maior autoestima tendem a se preocupar menos com sua aparência física e a avaliar positivamente sua própria imagem (AVELAR; VEIGA, 2012; VIZEU et al., 2011). Porém, a autoestima não está restrita apenas sobre “gostar da imagem que se vê refletida no espelho”, mas também um movimento profundo de autoaceitação.

Diversos autores são frequentemente citados em artigos científicos sobre autoestima, um deles é o psicoterapeuta Nathaniel Branden, escritor canadense-americano conhecido por seus diversos livros sobre o assunto. Branden destaca a importância da autoestima na psicologia individual e no desenvolvimento pessoal no livro: *The Psychology of Self-Esteem*, “A Psicologia da Autoestima”, onde define a autoestima como a avaliação emocional que uma pessoa faz de si mesma, não apenas sobre se sentir bem consigo no momento presente, mas também sobre reconhecer e valorizar suas capacidades, conquistas e potencial para o futuro. Em suma, a autoestima é vista pelo autor como um fator essencial no desenvolvimento saudável e na busca da realização pessoal (BRANDEN, 1969).

Tendo em vista o papel importante que a autoestima exerce na vida do indivíduo, uma pessoa com autoestima desenvolvida se sente mais preparada para lidar com as adversidades da vida, tornando-se mais flexível e compreendendo o significado de viver em consonância com sua essência interior. A autoestima elevada se manifesta na habilidade do indivíduo de enfrentar os desafios da vida com confiança em si mesmo, enquanto defende e respeita suas próprias necessidades e interesses, o que também é conhecido como autorrespeito (BRANDEN, 1969).

Analisando esses dois breves recortes históricos e estatísticos e o conceito de autoestima, conclui-se que existe uma cultura do abandono paterno presente no país, e que mediante essa ação se espera uma reação de sequelas psicológicas provocadas pelo abandono dessas crianças na vida adulta. Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela colaboração de se pesquisar analiticamente os efeitos negativos do abandono afetivo paterno na autoestima feminina.

O tema autoestima não é tratado diretamente na abordagem da psicologia analítica, porém, com a construção desse trabalho foi possível identificar um paralelo entre o conceito de autoestima com o conceito do processo de individuação construído por Carl Gustav Jung.

Carl Gustav Jung, um médico psiquiatra e psicoterapeuta suíço, nasceu em 1875 na cidade de Kesswil, deu vida à psicologia analítica após seu rompimento com

o médico Sigmund Freud. A partir de então, Jung deixa seu legado teórico por meio de seus livros, sua obra completa fundamentando toda uma vida de pesquisa e mergulho no autoconhecimento.

Os conceitos usados nesse trabalho, como: Pai arquetípico, complexo paterno, *animus* e *Logos*, são conceitos baseados e cunhados pela psicologia junguiana e é através dela que se compreende o efeito do abandono paterno na psique feminina e sua individuação. Sobre o tema abandono afetivo, nas obras completas de Jung, não existem construções sobre o abandono do pai, pois não era o objeto de pesquisa do autor na época. Contudo, foi possível encontrar recortes para essa costura nos conceitos de complexos paternos e arquétipo do pai.

Também não era o foco de estudo do autor se aprofundar sobre a dinâmica da psicologia do desenvolvimento infantil (NUNES; SERBENA, 2021), porém alguns artigos atuais trazem o entrelace sobre o desenvolvimento infantil e a psicologia analítica, como o livro: *Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com Crianças*, do autor Mario Jacoby (2010).

Colaborando com a construção acadêmica sobre o tema abandono paterno, a investigação realizada por Antônio Lima (2012) apresenta 4 casos clínicos onde identifica o impacto do abandono paterno na vida das mulheres, através do olhar da psicologia analítica, destacando os conceitos de compulsão à repetição e melancolia da psicanálise. Em linhas gerais, o autor observou que as mulheres foram capazes de alcançar uma maior harmonização psicológica, integrando seus aspectos masculinos e femininos. Esse processo teve consequências positivas, incluindo melhorias na autoestima e no sentimento de autoconfiança. Além disso, as mulheres demonstraram uma maior capacidade para estabelecer relacionamentos afetivos mais saudáveis, caracterizados por uma menor dependência e submissão (LIMA, 2012).

No livro “O pai e a psique” de Lima Filho (2002), o autor categoriza de forma clara o papel do pai na estrutura arquetípica do filho. Ele aponta que a relação com o pai é fundamental para o desenvolvimento humano, pois o arquétipo paterno influencia a psique da criança, impactando, em especial, o autoconhecimento desse indivíduo. Ao final do livro, o autor apresenta um ponto de vista positivo, relatando que é possível superar as dificuldades da relação com o pai e construir uma vida adulta saudável, apresentando caminhos para isso.

Tendo em vista as informações apresentadas até aqui, destaca-se que o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa-exploratória,

exclusivamente bibliográfica, de livros e artigos científicos, no intuito de estudar as conexões entre o abandono afetivo paterno e a autoestima da mulher adulta brasileira. Como fontes bibliográficas primárias, foram utilizadas as seguintes bases de pesquisa: Scielo, Bvs e Google Acadêmico, no intuito de encontrar artigos científicos de 2000 até 2024, com os seguintes descritores: abandono paterno afetivo e autoestima da mulher, na língua portuguesa. Foram selecionados os artigos conexos com o tema e os mais citados da primeira e segunda página encontrados no Google Acadêmico. Para o segundo recorte na pesquisa, foram selecionados os livros introdutórios de Carl Gustav Jung, e como fonte principal para o trabalho foram utilizados os livros de Nathaniel Branden: *The Psychology of Self-Esteem*, “A Psicologia da Autoestima” (1969), o artigo de Ana Garcia (2007): “De pai para filha - as contribuições do pai na construção da identidade da mulher”.

Para uma direção mais específica, o presente trabalho realiza um recorte de gênero, no intuito de guiar a pesquisa para um diálogo dos abandonos paternos exclusivamente do feminino, não se preocupando em compreender os meios para o abandono paterno, mas sim o fenômeno de não se ter o pai afetivamente presente na vida da filha, consequentemente deixando sequelas no período da infância e adolescência. O trabalho tem o objetivo de compreender o possível efeito negativo do abandono paterno na construção da autoestima de mulheres adultas através dos conceitos da psicologia junguiana.

Partindo-se da curiosidade de investigar a baixa autoestima feminina, pergunta-se: quais os efeitos negativos poderão ser espelhados na autoestima da mulher adulta advindos do abandono afetivo paterno originadas na infância/juventude? Como hipótese basal, acredita-se que o abandono paterno do feminino poderia comprometer a autoestima da mulher adulta. Sugere-se que a dinâmica do abandono paterno flerta com os conceitos da psicologia junguiana de complexo paterno negativo, e o caminho para a autoestima, com o processo de individuação dessa filha.

O trabalho foi dividido em três partes: o primeiro capítulo esclarece os conceitos fundamentais da abordagem da psicologia junguiana e apresenta os conceitos de arquétipo paterno, complexo paterno e *animus*. No segundo capítulo, compreende-se melhor sobre autoestima, desenvolvimento infantil e como a constituição brasileira categoriza abandono afetivo. Já no terceiro e último capítulo, discorre-se à cerca dos paralelismos da psicologia junguiana sobre o papel do pai na psique feminina e os efeitos do seu abandono para a autoestima e o processo de individuação dessa filha.

CAPÍTULO 1

Fundamentos da Psicologia Junguiana

Nesse capítulo serão elucidados os principais conceitos da psicologia junguiana que configuram a estrutura da psique e, a partir desses conceitos, fundamentar a discussão sobre a estrutura da psique e o abandono paterno.

1.1 Individuação, Inconsciente Coletivo e Arquétipos

Toda a construção da dinâmica da psique, descrita por Carl Gustav Jung, colabora e discorre sobre o caminho e o processo de individuação do ser. Individuação é um processo de singularização do indivíduo, descrito por Jung como um processo alquímico, o processo do si mesmo, o processo que o *Self* convida o ego a trilhar, em que o ser vai se individualizando, encontrando a sua individualidade, ou seja, se tornando um ser único, uma unidade, uma totalidade autônoma e indivisível (STEIN, 2006).

Dois personagens realizam um grande papel dentro desse processo, o ego e o *Self* (si mesmo). O *Self* é a totalidade psíquica, ele ao mesmo tempo que é o centro da personalidade total e seu entorno, incluindo a consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, ele é o arquétipo do espírito, o organizador de todo o sistema

psíquico e contém todas as estruturas que são potencialidades de desenvolvimento humano (STEIN, 2006).

O ego é um complexo e, como todo complexo, se forma a partir de um núcleo arquetípico, sendo assim o núcleo do ego é o *Self*. Da mesma forma que o *Self* é o centro da personalidade total, o ego é o centro da consciência (JUNG, 2014a, 2014b). O ego se desenvolve desde o nascimento e, a partir das experiências do corpo com o mundo, forma as imagens e a consciência. Na primeira metade da vida, ocorre o desenvolvimento do ego, em que ele busca sua autonomia, se afasta do *Self* em busca de se relacionar com o mundo. Já na segunda metade da vida, a consciência passa a olhar para dentro, se aproximando do *Self*, um ato de olhar para os conteúdos que foram abandonados, realizando uma autorrealização. O processo de individuação se inicia desde a formação do ego (JUNG, 2013a, 2014b, 2014a, 2015a; STEIN, 2006)

O processo de individuação é o tornar-se si mesmo, tornar-se um ser íntegro, um indivíduo, ou seja, algo não divisível, integral, total. Para isso, o ego precisa ser estruturante (não estruturado/rígido), ter um sustento para ter contato com os conteúdos que foram abandonados, que não se desenvolveram e foram rejeitados, sombra pessoal (JUNG, 2013a, 2016b, 2016c).

Assim como ego faz parte da consciência e o *Self* se encontra no inconsciente coletivo, outros arquétipos também fazem parte da estrutura psíquica, localizado no inconsciente coletivo, assim como o instinto. O instinto é a parcela biológica do indivíduo, uma estrutura importante para o comportamento humano, sendo que sua principal característica é a compulsividade e pouco estímulo (JUNG, 2014c; STEIN, 2006).

Os arquétipos são estruturas psíquicas carregadas de energia e afetos, comuns entre todos os indivíduos, que se manifestam de forma coletiva, quando se fala de cultura, e de forma individual, por meio dos complexos no inconsciente pessoal (JUNG, 2014c, 2015, 2016c).

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2014c, § 6)

Cada arquétipo apresenta uma imagem arquetípica que são representações simbólicas coletivas que emergem do inconsciente, pois não se acessa um arquétipo, ele que nos tem por imagens arquetípicas. Sendo símbolos do inconsciente coletivo,

compreende-se que os conteúdos e imagens são de caráter cultural/universal de um pensamento de toda uma sociedade, como por exemplo: imagens de arquétipos da mãe (JUNG, 2013c, 2016).

Todos têm mãe, pois nascem uns de dentro do outro. Sendo assim, a ideia de mãe é universal, porém cada um preenche esse molde de mãe de acordo com a sua vivência, são os complexos maternos. Mas o símbolo de mãe, em um olhar coletivo, universal e do arquétipo, seria aquela que nutre, protege, dá suporte, gera vida. Esse arquétipo pode ser visto em mitos, religiões e crenças, como: Deméter, A Grande Mãe, Ísis ou Virgem Maria (JUNG, 2014c).

Assim como se tem a ideia universal do arquétipo da mãe, também se tem a do pai. Com base nas ideias de arquétipo, o arquétipo do pai refere-se à imagem de pai que representa a força vital espiritual, *Logos* e a polarização, apresentando as características de uniformização, lei, normatização, organização, razão e conhecimento (GARCIA, 2007; STEIN, 2006). Para algumas religiões, a ideia arquetípica do pai pode ser encontrada na imagem de Deus, Odin ou Zeus, na mitologia (JUNG, 2016).

Essas imagens arquetípicas não são apenas símbolos, mas padrões de energia psíquica que influenciam o pensamento, comportamento e percepção das pessoas. Jung acreditava que a compreensão e integração desses arquétipos eram essenciais para o processo de individuação, que é a busca pela totalidade e realização do *Self* (JUNG, 2014c, 2014b, 2016a, 2016b).

1.2 Inconsciente Pessoal e Complexo

Aloja-se no inconsciente pessoal todos os conteúdos que não temos consciência, que foram esquecidos por serem insignificantes ou reprimidos por serem inaceitáveis, formando então a sombra (JUNG, 2013c, 2014a, 2015a). A relação com a sombra existe desde a formação do ego. Traçando um paralelo com a dinâmica de luz e sombra, compreende-se que a luz seja a consciência e a sombra os conteúdos sombrios (sombra pessoal) não iluminados por essa consciência, ou seja, na sombra estão conteúdos não reconhecidos, não usados e reprimidos pelo ego (localizado na consciência). São personalidades que não agradam ao julgamento egóico e ficam guardadas no inconsciente pessoal (JUNG, 2013a, 2015a, 2016; STEIN, 2006).

Mas nem tudo que está na sombra será ruim, nela podem estar guardados potenciais criativos que foram reprimidos, pois o ego, ao recusar aspectos da personalidade, pode descartar potenciais nas sombras. Contudo, nem tudo que está no inconsciente é sombra. Podemos considerar que, a sombra é ausência de luz, já a escuridão seria o inconsciente, a sombra é infinita e sempre existirá, enquanto existe a luz da consciência, se faz sombra (JUNG, 2013c, 2014b, 2015a; STEIN, 2006).

Já na sombra coletiva, o mal encarnado em algumas representações, como por exemplo, o bêbado, a prostituta, o ladrão, o assassino (figuras rejeitadas socialmente e coletivamente), são personagens de um aspecto sombrio coletivo, o que não se deseja ser e, portanto, é rejeitado. Porém, são humanos e por isso ela está presente, são sombras que coletivamente são rejeitadas (JUNG, 2015a; STEIN, 2006).

Outro conceito que também faz parte do inconsciente pessoal são os complexos. Dentro da abordagem da psicologia junguiana o conceito de complexo é fundamental para compreender a teoria e a dinâmica da psique a partir do ponto de vista dessa abordagem (JUNG, 2013a). Complexos são núcleos afetivos de emoções, atravessamentos de pensamentos, imagens e sentimentos que se desconhece conscientemente, ou seja, se alojam no inconsciente pessoal e tem como centro um conteúdo arquetípico, imagens arquetípicas. As experiências na vida, que podem ter sido boas ou ruins, formam grupos de afetos. Experiências negativas vividas formam complexos negativos que quando potencializados, ou seja, energizados, constelados, invadem a consciência (JUNG, 2013a).

O complexo quando constelado está ativo e influenciando a consciência da pessoa em um determinado momento, devido a uma resposta a eventos externos ou internos que estão relacionados ao conteúdo do complexo ativado. Por exemplo, se alguém tem um complexo relacionado a questões de abandono, esse complexo pode ser constelado quando a pessoa enfrenta uma situação que lembra experiências passadas de abandono (JUNG, 2014a).

Complexos possuem um alto grau de autonomia dentro do inconsciente e assume um papel de subpersonalidade, agindo de forma isolada na psique, como uma vida própria, mudando totalmente o indivíduo, invadindo a consciência e deixando de lado o ego, mesmo sem uma circunstância específica. A dinâmica do complexo se apresenta desde o nascimento do indivíduo, a partir das suas experiências, toda vez que o indivíduo é afetado (ou seja, mobiliza um afeto, uma emoção, uma reação). Essa emoção ativa um complexo e ele acaba ganhando autonomia, caso esse

complexo não tenha sido trabalhado, visto e elaborado (JUNG, 2013a, 2014a; STEIN, 2006).

O ego também é um complexo e, como todo complexo, se forma a partir de um núcleo arquetípico, sendo assim o núcleo arquetípico do ego é o *Self*. Da mesma forma que o *Self* é o centro da personalidade total, o ego é o centro da consciência. Um ego saudável é flexível lida simbolicamente com os conteúdos desconhecidos que surgem no transcorrer da vida. Um ego patológico fica inflexível e nega, neuroticamente, os conteúdos do inconsciente (JUNG, 2013c, 2014b, 2015a).

1.3 *Animus e anima*

Na teoria junguiana, a *persona* é que se encarrega de fazer a ponte do ego para o coletivo. A *persona* funciona como uma máscara ou uma capa, e através dela que se exerce uma adaptação para atuar no meio social, no mundo, uma adaptação para o mundo externo, assumindo papéis sociais para melhor adaptação (JUNG, 2015a; STEIN, 2006).

Já o papel da *anima* e do *animus* é de exercer uma função parecida com a *persona*, de adaptação, mas uma adaptação ao mundo interno, como uma ponte entre a consciência individual e o inconsciente coletivo. Ou seja, quando se tem mais o interesse no coletivo, passa-se a só querer atender as demandas do outro, e não as suas próprias demandas, se afastando de si e se projetando no outro (STEIN, 2006).

Há problema quando o ego se identifica com essa *persona*, pois essa identificação passa a se utilizar de apenas uma faceta dessa *persona* para todas as ocasiões e se perde na adaptabilidade e na maleabilidade de se ajustar ao meio. A *persona* faz oposição à *anima* e ao *animus*, aquilo que se mostra para o mundo é a *persona* (STEIN, 2006).

Anima e *animus* são arquétipos construídos e conceituados por Jung, através da sua jornada de estudo e da compreensão do inconsciente. A *anima* (alma) ou *animus* (espírito), ambos fazem parte do inconsciente coletivo e atuam de forma compensatória na consciência (EMMA JUNG, 2020).

Anima é a porção feminina do inconsciente do masculino, com a representação de *eros primordial*, formas de se relacionar e relacionamento, o materno. Já *animus* é a porção masculina no inconsciente do feminino, *Logos*, trato objetivo e ordenador, o paterno (EMMA JUNG, 2020).

O *animus* é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem. Essa contraparte masculina constitui uma compensação inconsciente da atitude feminina consciente, agindo, desse modo, como intermediário entre o Eu consciente da mulher e o seu inconsciente. (apud LIMA, 2012, p. 822)

As imagens da *anima* e do *animus* expressam a autonomia do inconsciente ao personificarem, ao projetarem conteúdos em pessoas, objetos e situações, dando a impressão de que as imagens estão fora e não dentro do indivíduo, ou seja, se projeta no outro a *anima/animus*. O indivíduo vai projetando ao longo da sua vida em figuras diferentes que se encaixam com sua projeção, porém as primeiras projeções são nos pais (EMMA JUNG, 2020; STEIN, 2006).

Anima ou *animus* se escondem atrás das sombras do inconsciente pessoal. Não tem como não trabalhá-los sem trabalhar a sombra, pois se *anima* e *animus* são projetados no externo, aquilo que não é captado pelo ego na consciência se arrasta para a sombra no inconsciente. Aquilo que não é reconhecido pelo ego, a partir da projeção da *anima* e do *animus*, se torna sombra. Projeção é um movimento, uma ação de projetar, o que está dentro do indivíduo (inconsciente) para o objeto (pessoas e afins). (EMMA JUNG, 2020; STEIN, 2006)

Para algumas religiões, o psicopompo é uma entidade ou guia que auxilia a alma na sua morte, ou seja, é um veículo de condução de um elemento de um ponto a outro. *Anima* e *animus* funcionam como psicopompos do inconsciente coletivo e inconsciente pessoal, transitando como guias interiores que podem levar a psique em direção à totalidade. Um exemplo de psicopompo na mitologia é Hermes, o Deus mensageiro e condutor das almas para Ades, para o submundo (EMMA JUNG, 2020).

A *anima* no homem funciona como a guia na jornada interior, tem a capacidade de conduzir a psique masculina a uma conexão mais profunda com aspectos emocionais e intuitivos, proporcionando uma ponte para o inconsciente. O *animus* para a mulher também realiza uma função de guia interior que pode ajudá-la a desenvolver maior razão e lógica, alcançando sua individuação (EMMA JUNG, 2020).

CAPÍTULO 2

Autoestima e Abandono Afetivo

O capítulo aborda a evolução do conceito de autoestima ao longo do tempo e sua importância na vida das pessoas, como a falta de autoestima pode gerar sentimentos de inadequação e insegurança, afetando diversos aspectos da vida, como trabalho, relacionamentos e parentalidade. Explora também a influência da autoestima na busca por procedimentos estéticos em mulheres, indicando que uma autoestima elevada está relacionada a uma menor preocupação com a aparência física e relacional para as mulheres.

Na segunda parte do capítulo, observa-se a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil e os impactos do abandono afetivo paterno. Aponta-se que o papel do pai vai além de provedor material, sendo crucial para o desenvolvimento emocional e social da criança. A ausência paterna pode acarretar diversos problemas, como dificuldades de relacionamento, baixa autoestima e problemas comportamentais. Apesar de não ser reconhecido como crime, o abandono afetivo é considerado negligência e pode gerar consequências duradouras na vida das crianças e dos adultos que foram afetados por ele.

2.1 Autoestima

Após o surgimento do conceito e estudo sobre a autoestima, esse termo se popularizou e foi adquirindo valores e significados diferentes do seu sentido original. Segundo o dicionário digital *Dicio*, a palavra se divide em duas partes: "auto", de origem grega, *autós*, que significa "a si mesmo", e a palavra "estima" vem do latim, *aestimar*, cujo significado é "apreciar, valorizar". Sendo assim, a palavra tem o significado de: valorizar a si mesmo (DICIO, 2023).

Contribuindo com o conhecimento à cerca da autoestima, o psicólogo Nathaniel Branden em seu livro: "*A Psicologia da Autoestima*" em inglês: *The Psychology of Self-Esteem*, lançado no ano de 1969, apresenta que todos os seres humanos têm uma necessidade inata de se sentirem valorosos e dignos, e que essa necessidade é tão fundamental quanto a necessidade de comida ou abrigo. O autor compreende que a palavra autoestima é a união de dois componentes, da autoconfiança (sentimento de competência pessoal) e do autorrespeito (sentimento de valor pessoal).

Ou seja, ter uma autoestima mais elevada se apresenta na capacidade que o indivíduo adquire de lidar com os desafios apresentados pela vida com autoconfiança, e defender e respeitar as próprias necessidades e os interesses, autorrespeito (BRANDEN, 1969). O indivíduo que goza de uma autoestima se sente mais bem equipado para lidar com as adversidades da vida, se torna flexível, entende o significado de ser e de viver de acordo com o que reside no cerne do próprio indivíduo (BRANDEN, 1969).

Dependendo da forma como se atribui os sentimentos a nós mesmos, acaba-se afetando toda a experiência no viver, como a atuação no trabalho, na vida amorosa, na paternidade e na maternidade. As relações cotidianas dependem de como se enxerga a vida e a si mesmo: "os dramas da nossa vida são reflexos das visões mais íntimas que temos de nós mesmos" (BRANDEN, 1969).

Na base da autoestima infantil, a autoconfiança e o autorrespeito podem ser potencializados ou destruídos pelos adultos e tutores que cercam essa criança. Se nessa educação a criança não foi respeitada, amada, valorizada e encorajada, essas ações não realizadas podem comprometer a autoestima dessa criança ao longo da infância até a vida adulta (BRANDEN, 1969).

A falta da autoestima ou a baixa autoestima provoca um sentimento de inadequação à vida, sentindo-se errado como pessoa, frisa o autor. Isso promove

inadequação, culpa, insegurança, dúvidas e medo de participar ativamente da vida, gerando um sentimento de insuficiência (BRANDEN, 1969). Esses são aspectos que abrangem a autoestima de qualquer indivíduo e, nesse trabalho, analisam-se os aspectos que afetam a autoestima feminina.

A partir de uma pesquisa feita na Universidade Federal de Brasília - UNB, no ano de 2012, onde foram entrevistadas 697 alunas de 18 a 50 anos, buscou-se compreender a relação entre autoestima e vaidade feminina e como essas variáveis podem influenciar a busca por cirurgias plásticas estéticas (AVELAR; VEIGA, 2012). A pesquisa mostrou que, para as mulheres, um dos principais valores para se buscar a estética são os indicativos de autoestima sobre si mesmas:

Os principais achados indicam que quanto maior a criatividade, extroversão, amabilidade e necessidade de manter e de realçar o corpo, maior será a autoestima, e quanto maior a autoestima, menor a preocupação exagerada com a aparência física e maior a avaliação positiva que uma mulher faz de sua aparência. (AVELAR; VEIGA, 2012, p. 338)

Ou seja, existe uma alta relevância sobre os impactos da autoestima ou da falta da autoestima quando se refere às mulheres. Mulheres são mais propensas a realizarem procedimentos estéticos e alterações de imagens para alcançarem um padrão estético social, padrão esse que dita os “ideais do corpo” belo e são aceitos no intuito de obtenção de lócus privilegiados, ou seja, busca por aceitação (AVELAR; VEIGA, 2012; VIZEU et al., 2011).

2.2 A dor do abandono afetivo paterno

Para que se possa compreender as faltas que o abandono paterno provoca na vida de um indivíduo adulto, precisa-se primeiro identificar o papel do pai na vida dessa criança durante o seu desenvolvimento e quais os danos dessa falta de presença para a saúde mental infantil.

O desenvolvimento infantil começa desde a vida intrauterina, no desenvolvimento e maturação neurológica a habilidades comportamentais. Para esse desenvolvimento, são necessários alguns elementos fundamentais para que esse indivíduo possa crescer e se desenvolver, como um ambiente seguro, uma boa alimentação, estímulos cognitivos e o principal, o contato com os cuidadores (ZEPPONE; VOLPON; CIAMPO, 2012).

Segundo a pesquisa de Benczik (2011), sobre a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil, com ênfase na estrutura psíquica e no desenvolvimento social e cognitivo, é através da relação da criança com os pais que os pequenos começam a aprender sobre o mundo e relacionamento, principalmente o relacionamento afetivo. O pai executa uma função importante no desenvolvimento da *paternagem*¹: promover habilidades sociais e cognitivas, para uma relação em comunidade. O desenvolvimento de práticas sociais educativas para as crianças implica em comunicação, expressão de sentimentos, enfrentamento e estabelecimento de limites (FANTINATO; CIA, 2017). A falta dessa habilidade pode gerar problemas de comportamento e dificuldade de adaptabilidade emocional, problemas psicológicos e cognitivos na criança (FANTINATO; CIA, 2017; EIZIRIK; BERGMANN, 2004).

Segundo a autora Soares (2021), ao analisar conceitos e teorias de Laplanche e Pontalis sobre trauma, que é compreendida como um excesso de fluxo de excitações que ultrapassa a tolerância do indivíduo, uma criança já possui certa dificuldade de elaborar essas excitações e o abandono afetivo seria como um trauma deixado na vida da criança. O buraco afetivo presente, pela falta de relação, quebra de expectativas e falta de execução do papel paterno, pode vir a provocar uma excitação difícil de se elaborar por uma criança. Para o desenvolvimento infantil, tanto o papel de mãe quanto o papel de pai, ambos têm um lugar importante na formação de uma criança. Contudo, em geral, não são os pais que assumem o papel de cuidados e criação dos filhos, mas sim a mãe ou as mulheres que se relacionam com a criança (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

A ausência da figura paterna pode ocorrer por diversos motivos como falecimento do pai ou separação do pai e da mãe, por exemplo. Porém, independente do estado conjugal do casal, mesmo assim ainda pode existir a ausência, pois se trata de uma ausência afetiva, uma distância emocional entre o pai e o filho. Configura-se, também, o modo como esse filho vai perceber a ausência do pai e como essa ação implica no desenvolvimento infantil, entendendo que o papel paterno é de fundamental importância na vida da formação de uma criança e adolescente (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

¹ O papel do pai ou função paterna, um conceito apresentado pela psicanálise.

Segundo alguns artigos jurídicos que abordam o tema de abandono paterno no meio judicial, compreende-se que o abandono afetivo se caracteriza como a ausência física, privação de convívio, pravação de cuidados e distanciamento afetivo por parte do pai (ALMEIDA; MELO, 2021). Para alguns juristas, o abandono afetivo paterno flerta com a reponsabilidade civil do genitor, pois vai de encontro com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Código Civil Brasileiro (Lei n° 10.406, 2002) e se caracteriza como uma negligência, gerando assim uma possível indenização por danos morais (quando a negligência promove angústia, sofrimento, humilhação e tristeza). Entretanto, ainda hoje no Brasil não é reconhecido o abandono afetivo paterno uma ação de caráter penal (ALMEIDA; MELO, 2021; PEREIRA, 2021; WEISHAUPT, 2014).

Já para a psicologia, Araujo (2022) aponta que, o abandono afetivo é a negligência de cuidado social e afetivo da criança, no período da infância e da adolescência, e observa-se que:

Uma criança abandonada sofre mudanças em seu comportamento e apresenta problemas escolares, desenvolve baixa autoestima, tristeza, isolamento social e, assim, gera consequências que prejudicam o desenvolvimento da criança. (ARAUJO, 2022, p. 4)

O abandono afetivo provoca profundas mudanças de comportamento e desenvolvimento na vida de uma criança, podendo afetá-la em várias áreas, principalmente a área relacional, e essa ferida pode se arrastar por anos.

Através da pesquisa qualitativa exploratória de Damiani e Colossi (2015) onde se apontou diretrizes dos efeitos do abandono paterno na perspectiva dos filhos já adultos, a autora concluiu que o sofrimento pelo abandono paterno perpetua ao longo da vida, provocando desvalia, abandono, solidão, insegurança, baixa estima e dificuldades para se relacionar amorosamente. O estudo também confirma que os adultos se ressentem com a ausência do pai.

CAPÍTULO 3

Uma costura analítica sobre autoestima e abandono

Neste capítulo é feita uma costura da psicologia junguiana com o assunto principal desse trabalho, o abandono afetivo paterno e suas consequências psíquicas na autoestima feminina, ampliando os conceitos de arquétipo do pai, complexo paterno e o que ele pode provocar no autorreconhecimento de sua filha. Por último, amplia-se um possível processo de transcendência relacional da filha abandonada pelo pai.

3.1 O pai arquetípico vs o abandono do pai real

Na pesquisa de doutorado de Nunes e Serbena (2021), foi pontuado que Jung, dentro da construção de sua abordagem, não ampliou significativamente sobre o desenvolvimento infantil, porém através da sua construção do método analítico permitiu que outros autores, como Mario Jacoby (2010) em seu livro: *Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com Crianças*, perpetuasse e ampliasse a psicologia analítica para outras áreas do saber, como o desenvolvimento infantil, abarcando as necessidades emocionais das crianças.

Jacoby (2010) enfatiza que as experiências da infância moldam profundamente a personalidade e o desenvolvimento emocional do indivíduo. O autor explora como o inconsciente coletivo, com seus arquétipos universais, influencia a

psique infantil e se manifesta em sonhos, brincadeiras e desenhos. O desenvolvimento infantil não se dá apenas de forma individual, no interior da psique, mas também com a construção de vínculos dessa criança com outras pessoas do meio em que ela vive e que, a partir desse vínculo, prepara-se para etapas posteriores na vida (NUNES; SERBENA, 2021)

A partir dos nossos cuidadores primários (tutores, pai e mãe) e o fato de nascermos com o *Self*, desenvolvemos um ego (que é uma diferenciação pequena do *Self*). O ego precisa se distanciar do *Self* para conseguir se adaptar à vida e quando chegar o momento da Metanoia, o ego volta a se aproximar do *Self* e estar a serviço dele, pois é ele que carrega a verdade do ser, o que constitui como essência e aquilo para qual o Eu veio ao mundo (STEIN, 2006)

Um dos processos psíquicos que ocorrem no desenvolvimento da criança por meio da sua relação com os pais é a humanização dos arquétipos paternos, segundo Carl Gustav Jung (1998). É através da relação com os pais que a criança começa a se relacionar com a dinâmica dos arquétipos (LIMA, 2002). Os arquétipos, sendo um padrão universal de comportamento, pensamento e sentimento, residem no inconsciente coletivo e moldam a psique, manifestando-se em diversos aspectos da vida.

Nossos relacionamentos com os arquétipos assim constelados e representados afetam nossos relacionamentos não apenas com as pessoas que carregam as imagens para nós, mas também com o mundo todo. A amplitude dinâmica de seu funcionamento inclui: como pai — espírito, *Logos*, ordem, lei, atividade; como mãe — vida, emotividade, receptividade; como herói — ousadia, iniciativa, etc. (WHITMONT, 1994, p. 95)

O *Logos* está relacionado à razão, lógica, pensamento racional e discernimento, sendo responsável, de forma simbólica, pela separação do que sou eu e o que é o mundo, provocando a autopercepção e reconhecimento para olhar o mundo. A partir dessa distância, vai de encontro a uma conexão com esse mundo: “o pai, sendo portador do *Logos*, permite ao filho(a) viver a falta instalada na psique, mas também proporciona o desejo de seguir em frente, de forma a atingir o que está faltando” (GARCIA, 2007).

Observa-se que o *Logos* é originalmente atributo do pai, então podemos encontrar esse elemento também na sua imagem arquetípica. Quando se trata da

mecânica relacional entre o pai e a filha, o arquétipo correspondente a essa relação é o arquétipo do pai, o Pai arquetípico. A constelação do arquétipo do pai acontece na projeção do pai arquetípico para o pai real. Ou seja, existe uma correlação entre o pai pessoal da mulher com o seu pai arquetípico e ambas as partes são carregadas de projeção (GARCIA, 2007; LIMA, 2002).

A projeção é um movimento, uma ação de projetar, o que está dentro do indivíduo (inconsciente) para fora (para a consciência). Essa dinâmica é uma das mais fundamentais para a psicologia analítica (STEIN, 2006).

[...] a representação de uma pessoa é constituída, primeiramente, pela imagem que ela recebe da verdadeira pessoa, e depois, de uma outra imagem resultante da elaboração subjetiva da primeira imagem. (JUNG, 2015, § 37)

O conflito entre imagem e representação, entre arquétipo do pai e o pai real, faz surgir os complexos referentes a essa dinâmica. Sendo o arquétipo parte do inconsciente coletivo, quando existe uma ativação a partir de experiências vividas do indivíduo, ou seja, constelada na psique, significa que algo enganchou nesse conteúdo arquetípico gerando assim um complexo. Quando se trata do Pai arquetípico, seu complexo correspondente é o complexo paterno (GARCIA, 2007; LIMA, 2002).

No artigo de Chagas e Campos (2000), compreende-se que:

O complexo paterno, por exemplo, surge a partir de afetos constelados na relação com o pai real, sendo que este faz conexão, na psique do filho, com o arquétipo do Pai. O afeto que surge na relação se liga à imagem do pai, e ao seu redor vão se aglutinando inúmeros outros afetos segundo as vivências relacionadas a essa imagem. (CHAGAS E CAMPOS, 2000, p. 3)

Os complexos nem sempre são patológicos, na verdade, são dinâmicos e carregados de energia e afeto, contendo em si a própria história de vida. A influência do complexo paterno na mulher encontra uma ligação com o pai, que se torna um modelo masculino ao qual seu *animus* se associa (CHAGAS; CAMPOS, 2000). Von Franz esclarece que ao se tratar do masculino na psique feminina, o complexo paterno e *animus* diferenciam-se, tornam-se um único complexo, uma única forma de expressão e comunicação com o mundo (VON FRANZ; C. JUNG, 1992).

Animus, na psique feminina, realiza o papel de adaptação do ego ao mundo inconsciente:

[...] o *animus* é moldado pelo pai da mulher. Em seu aspecto positivo, ele é um guia que conduz a mulher através de seu mundo interior até sua alma, abrindo portas para o desenvolvimento. Dá a mulher o poder da discriminação e da compreensão para iluminar o interior dela, age, também, como uma ponte para o mundo impessoal do intelecto e do espírito, fornecendo à consciência a capacidade de concentração focalizada. (MENEZES, 2023, p. 33)

O *animus* se apresenta em duas polaridades, dependendo de como se estabeleceram suas relações com o masculino externo, sendo uma estrutura positiva ou negativa. O *animus* negativo é encontrado em contos de fadas como o demônio da morte, fazendo o papel de assaltante ou assassino, com as características de predador da psique, alimentando uma fragilidade e insegurança, ou como uma “voz autodepreciativa” (MENEZES, 2023). As principais características de um *animus* negativo são seus aspectos de dominação, agressividade, instabilidade e desconexão espiritual (EMMA JUNG, 2020).

O *animus* em sua forma negativa afasta as mulheres de qualquer relacionamento, as leva à passividade, uma paralisação profunda de todos os sentimentos, uma profunda insegurança que pode levar a uma sensação de vazio, afastando-a de toda realidade da vida. (MENEZES, 2023, p. 33)

Já o *animus* positivo, quando a mulher desenvolve consciência e estabelece uma relação amorosa com seu *animus*, este pode se transformar em uma força mais positiva, alimentando uma sabedoria e trazendo a luz da força feminina para a psique da mulher. Ao internalizar os atributos masculinos como parte de si mesma, ela adota atitudes mais coerentes e discernidas, permitindo espaço para a expressão criativa em suas ações. O *animus*, antes dominador, se torna criativo, fornecendo os meios para a inovação ou assumindo o papel de herói, capacitando a mulher a enfrentar a vida com coragem (CHAGAS; CAMPOS, 2000; MENEZES, 2023).

É na relação com o pai que o *animus* feminino preenche o contorno do arquétipo do masculino, atribuindo afeto relacionado ao *Logos* que o masculino proporciona para a psique feminina. Jung apresenta que o *animus* é a parcela masculina inconsciente da psique feminina, e como uma imagem arquetípica inconsciente, o *animus* é projetado, e seu primeiro objeto a ser projetado é o pai (MENEZES, 2023).

A convivência com a figura paterna é o alicerce que permite o desenvolvimento dos conteúdos arquetípicos do *Animus* na mulher. A falta de oportunidade para o desenvolvimento do *Animus* faz com que ele permaneça indiferenciado, inconsciente, o que aumenta significativamente a probabilidade de que ele seja projetado. (LIMA, 2012, p. 822)

Essa introjeção de afetos relacionais do pai externo ocorre pela dinâmica da projeção. É por meio do pai que o feminino tem sua primeira relação com o masculino, então a sombra se aloja no inconsciente pessoal, onde todos os conteúdos que não temos consciência foram esquecidos por serem insignificantes ou reprimidos por serem inaceitáveis (GARCIA, 2007; CHAGAS; CAMPOS, 2000).

Von Franz aborda a projeção de forma distinta, não limitando essa projeção a uma mera recordação negativa do pai na infância, que agora é transferida para figuras de autoridade. Em vez disso, ela a concebe como um complexo de características intrínsecas à pessoa. Portanto, o que essa filha enxerga no outro não é apenas uma memória distorcida do pai real, mas também uma manifestação autêntica de uma característica do próprio indivíduo que projeta, ou seja, o pai pessoal, mesmo que este não esteja conscientemente reconhecido (VON FRANZ, 1992)

O abandono afetivo paterno ocupa esse lugar de falta de relação, onde não permite uma projeção do primeiro vínculo masculino da filha, visto que o abandono afetivo paterno é ausência física, falta de convívio, falta de cuidados e distanciamento emocional por parte do pai (ALMEIDA; MELO, 2021).

O papel do pai na dinâmica de pai pessoal é humanizar as imagens do arquétipo do pai, aproximando assim o pai arquetípico do pai pessoal. É através dessa humanização que os aspectos do pai vão sendo estruturados na psique da filha. Caso esses aspectos não sejam bem formulados e estruturados, compreende-se que essa filha não terá referências dos pais e isso pode afetar suas estruturas internas como: dificuldades de traçar objetivos, tomar decisões e escolhas para si mesma, provocando o sentimento de insegurança (LIMA, 2012; GARCIA, 2007).

O pai e seus representantes servem como auxiliares para a mulher no seu desenvolvimento psíquico. Observamos que os vínculos estabelecidos com o pai podem contribuir positiva ou negativamente para a maneira como a mulher vai atuar na vida [...]. (GARCIA, 2007, p. 129)

Von der Heydt cita que: “É a força do pai que dá segurança e encoraja a autoconfiança, assim como é a sua autoridade que ajuda a criança a descobrir seus limites” (1979, p. 161).

3.2 Autoestima feminina e individuação

Quando falamos de sentimento de segurança, coragem e tomada de decisão, falamos de aspectos do masculino, do *animus* e do *Logos* (autopercepção do eu perante o mundo) na psique feminina, o que se aproxima do conceito de autoestima. A autoestima se manifesta na habilidade do indivíduo em enfrentar os desafios da vida com confiança, em defender, identificar e respeitar suas próprias necessidades e interesses (BRANDEN, 1969).

A autoestima, apresentada no capítulo dois, divide-se em: autoconfiança (sentimento de competência pessoal) e autorrespeito (sentimento de valor pessoal). A autoconfiança se estrutura como confiar em si mesmo, acreditar em si, acreditar em suas capacidades. Já autorrespeito, se reconhecer no mundo, validar seus sentimentos e validar-se como pessoa (BRANDEN, 1969).

Aproximando os entendimentos de autoestima para o universo da psicologia analítica, o psicoterapeuta Mario Jacoby (2023) em seu livro: *A vergonha e as origens da autoestima: Abordagem junguiana*, comenta que grande parte da autoestima construída em um indivíduo vem do meio em que se vive quando criança e como eram suas relações. Define a autoestima como sendo um estado dinâmico e multifacetado que se constrói ao longo da vida, influenciado por diversos fatores internos e externos.

Em uma certa altura do livro, Jacoby (2023) divide a autoestima positiva em três elementos: autoaceitação, autoconfiança e autoeficácia. Autoaceitação como sendo a capacidade de aceitar-se, integrando qualidades e defeitos sem autojulgamento. Autoconfiança, uma crença nas próprias capacidades para enfrentar desafios de vida e vencer obstáculos. Por fim, autoeficácia, compreender que suas atitudes podem ter influências positivas no ambiente e para si mesmo.

Ambas as estruturas, autoconfiança e autorrespeito, são fundamentais para que o indivíduo possa ir para a vida e enfrentar seus desafios com mais estrutura psíquica. Quando não existe essa troca com o pai, por meio do abandono afetivo,

inibe-se uma relação como esse masculino primordial, expressando-se em um *animus* negativo.

A mulher aprisionada em complexos tem como consequência a insegurança, a baixa autoestima, o exagero na dedicação ao trabalho (*workaholic*) e o perfeccionismo de sua ação. Além disso, a idealização do pai ainda presente favorece a força do complexo. (GARCIA, 2007, p. 129)

A dificuldade de confiar em suas capacidades e o sentimento de insuficiência denota uma falta dos elementos de autoconfiança, autoeficácia e autoaceitação, elementos que compõem a autoestima. Logo, observa-se que a falta dessa relação paterna prejudica a construção de uma autoestima feminina. A mulher que se vê aprisionada na dinâmica do complexo paterno colhe insegurança e baixa autoestima (LIMA, 2002).

Lima (2002) esclarece os diferentes tipos de pais e suas implicações na psique dos filhos e aponta que o pai ausente implicará na falta de referência paterna levando o filho a ter problemas de identidade e autoestima. A mulher que enfrenta o complexo paterno e possui um *animus* negativo pode vir a apresentar comportamentos também de viés negativo e destrutivos.

Independentemente do tipo de relacionamento construído, quando a mulher estabelece um vínculo negativo com o pai ou substituto, o registro existente fica ferido e pode transparecer na forma de excessos como perfeccionismo, ausência de criatividade, excesso de trabalho, ocasionando uma dificuldade em confiar na sua capacidade relacional ou emocional, sentindo-se sempre insuficiente em tudo o que faz. (GARCIA, 2007, p. 128)

Silva (2001) em seu artigo sobre integração de sombra do feminino, apresenta que as violências sofridas por mulheres são somadas em sua sombra no inconsciente pessoal e que, quando não elaboradas, dificultam o desenvolvimento da totalidade do *Self* e a expressão do *animus* positivo, provocando insegurança nessa mulher, desprovendo-a de autoestima e de empoderamento, sendo a válvula propulsora para um movimento de individuação.

A individuação é compreendida pela psicologia analítica como uma possibilidade humana que nasce com o indivíduo para realizar o processo de singularização. A grande estrela desse processo é o ego, pois é ele que trilha o caminho do processo do si mesmo, em que convida o ser a se aproximar do *Self*, caminhando para encontrar as suas individualidades, ou seja, se tornando um

indivíduo, um ser único, uma unidade, uma totalidade autônoma e indivisível (STEIN, 2006).

O ego é o centro da consciência, é o complexo da consciência, o sujeito de todos os atos conscientes ao qual conteúdos psíquicos são apresentados e se relacionam: pensamentos, sentimentos, percepções e fantasias. É na consciência que está presente todo o potencial reflexivo, o centro de vontade, desejo, reflexão e ação. Inconsciente e consciência realizam uma relação de compensação, em que o ego faz o manejo, o que é aceito pela consciência fica na consciência e o que não é aceito vai para o inconsciente, mas também toma consciência de conteúdos da psique (STEIN, 2006).

Compreende-se então que o ego é quem individua, e nessa individuação existe a integração dos conteúdos inconscientes e conscientes. Se referindo à dinâmica do abandono paterno, é o ego que lida com o abandono paterno afetivo, com o complexo paterno negativo alojado no inconsciente pessoal da filha. Ele que se encarrega de diferenciar o pai real do pai arquetípico, é o ego que realiza a humanização da imagem arquetípica. O ego julga os conteúdos psíquicos, o que fica na consciência e o que vai para o inconsciente, se tornando sombra no inconsciente pessoal (JUNG, 2013c, 2014b, 2015a).

Para trilhar esse caminho do individuar-se, o ego conta com o *animus* como o psicopompo desse processo, um guia interno. O *animus*, como um arquétipo masculino dentro da psique feminina, assume o papel de um mensageiro que conecta a mulher com seus aspectos inconscientes e a impulsiona em direção à individuação. É ele que incentiva o ego da filha a enfrentar medos e conflitos internos para promover seu crescimento pessoal e emocional (EMMA JUNG, 2020; STEIN, 2006). Segundo Emma Jung (2020): “Guiar e acompanhar mudanças e transformações da alma como um verdadeiro psicopompo é uma função importante do *animus* superior, isto é, suprapessoal.”

Quando a mulher não possui uma boa relação com o seu *animus*, ou seja, um *animus* negativo, o ego tem mais dificuldades para se conectar com o masculino, se sente desencorajada a expressar sua força interior e sente-se desanimada em se realizar no mundo, como uma falta de pulsão, de ação (EMMA JUNG, 2020). Se a construção da imagem do *animus* vem da relação afetiva primária com o masculino, ou seja, com o pai, a filha que sofreu abandono paterno apresentará dificuldade de construir uma imagem de masculino. Por não ter a relação com o pai, essa filha pode

vir a apresentar um *animus* negativo, prejudicando a sua função de psicopompo, em guiar o ego para a individuação.

Para a mulher ainda prisioneira de complexos parentais, a dificuldade de crescimento psíquico é grande. A luta para a realização do próprio caminho é árdua, pois, além das metas necessárias para traçar seu percurso, é preciso força interna para romper com atitudes inconscientes, com pressupostos estabelecidos e com heranças psíquicas familiares. A luta interna é necessária para romper com padrões criados numa família, sejam eles positivos ou negativos. (GARCIA, 2007, p. 130)

Um ego forte é capaz de acolher os conteúdos inconscientes, por outro lado, o ego que se engrandece na fantasia de achar que já tem tudo e não precisa mais ampliar a lugar algum e que resiste, esse sim é um ego fragilizado, ficando a mercê de conteúdos que possam emergir do inconsciente, dotado de uma grande força energética capaz de tomar o ego. Ou seja, quanto mais perene for o ego dos conteúdos do inconsciente, mais fortalecido ele se tornará (STEIN, 2006).

O fortalecimento do ego pode vir a auxiliar a filha abandonada afetivamente pelo pai a lidar com o complexo gerado por esse abandono. Pois como observado, o complexo deixa sequelas psíquicas para a filha, como por exemplo uma baixa autoestima. Garcia (2007) constatou que a característica individual de cada mulher lhe permite o filtro necessário para a separação do pai e para o seu desenvolvimento pessoal. A forma como o ego da filha estabelece a relação interna com o pai pessoal vem a influenciar sua forma de atuar e gerir sua vida.

O ego enquanto patológico fica inflexível e nega, neuroticamente, os conteúdos do inconsciente, já um ego saudável é flexível e lida simbolicamente com os conteúdos desconhecidos que surgem no transcorrer da vida (JUNG, 2013a, 2013b, 2014b). No caminho de se individuar, apesar dessa dinâmica do abandono paterno, a mulher que sofreu com essa ausência de afeto em relação com o masculino, dando lugar a um *animus* negativo, vai precisar de um ego estruturante, de uma autoestima.

Ao se relacionarem de forma mais saudável com seu lado masculino (*animus*), que atua como um intermediário entre o consciente e o inconsciente, a filha abre espaço para se aproximarem do arquétipo do Si-mesmo, esse arquétipo envolve a harmonização dos opostos na personalidade e a manifestação plena do potencial do

indivíduo. Quanto mais suave essa relação entre o "Eu" e o Si-mesmo, mais a mulher vem a progredir em sua jornada de autoconhecimento (LIMA, 2012)

Um indivíduo que possui uma autoestima desenvolvida se percebe mais apto para lidar com as dificuldades da existência, tornando-se mais flexível e compreendendo a essência do seu ser e da sua vivência de acordo com sua própria essência. Nossas interações diárias dependem diretamente da forma como nos vemos e interpretamos a vida, refletindo que os dramas que enfrentamos são reflexos das percepções mais profundas que temos de nós mesmos (BRANDEN, 1969).

A ideia de promover a autoconfiança como um processo de desenvolvimento para lidar melhor com desafios se assemelha à estratégia de fortalecimento do ego na psicologia analítica. À medida que o ego enfrenta os complexos, distinguindo entre seus diversos aspectos e reconhecendo suas sombras internas, ele gradativamente adquire maior autoestima e uma compreensão mais profunda de si mesmo.

No caminho para autoaceitação, em que o indivíduo se torna capaz de identificar e aceitar suas fraquezas, qualidades e suas potencialidades, reconhecer quem se é e acolher seu lado sombrio sem um julgamento depreciativo, é um dos convites feitos pelo *Self* ao ego, na trilha do processo de individuação.

A partir da discussão feita entre os conceitos da psicologia analítica sobre o papel do pai na psique feminina, observa-se vários paralelos entre a abordagem e os conceitos propostos pelo trabalho. Respondendo a pergunta fundamental da proposta dessa pesquisa e confirmando a hipótese do trabalho, observou-se que o arquétipo do Pai que é o detentor da imagem e dos aspectos de *Logos*, organizador, força vital, conhecimento e razão, assim como o *animus* (o conteúdo masculino na psique feminina), quando a mulher não possuiu uma referência de pai pessoal para realizar uma humanização das imagens do arquétipo do Pai, o referencial complexo, o complexo paterno, se carrega de afeto e se manifesta de diferentes formas, uma delas se apresenta por uma má estruturação de *Logos*.

Sendo assim, o abandono afetivo paterno reflete direta e indiretamente na confiança que a filha tem sobre si mesma, ou seja, compromete sua autoestima. Os efeitos negativos, por meio do abandono, refletidos na autoestima da filha, promovem uma má formação de seu *Logos* e uma falta de referência masculina, que compromete o seu *animus*, o que resulta em uma difícil habilidade de relacionar-se com o masculino, um sentimento de incapacidade diante da vida, uma atitude perfeccionista, dificuldade de liderar e adquirir autonomia.

Ou seja, foi possível compreender que a relação entre o ego e o *animus* é explorada como fundamental para o desenvolvimento psíquico da mulher. Um *animus* negativo pode levar a uma dificuldade de conexão com o masculino e uma conseqüente falta de autoestima, enquanto um *animus* positivo pode fortalecer a autoconfiança e facilitar o processo de individuação.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, o trabalho teve como objetivo analisar a influência do abandono afetivo paterno no desenvolvimento da autoestima feminina, com base na perspectiva dos conceitos da psicologia junguiana, abordagem fundada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. O autor fundamenta toda a sua teoria com base em estudos empíricos da psique humana, apresentando a estrutura do inconsciente (pessoal e coletivo) e sua relação e interações com a consciência de forma compensatória e dinâmica.

A pesquisa fundamentou toda a estrutura da psique humana, em específico a estrutura da psique do feminino, ao se aprofundar na função do *animus* para a mulher. Compreendendo que o *animus* é a parcela masculina do inconsciente feminino e que também desempenha um papel de guia interior da mulher, auxiliando-a a cultivar maior racionalidade e lógica, o que contribui para o seu processo de individuação.

A pesquisa se aprofundou também nos conceitos da psicologia analítica que dialogam com o tema da *paternagem*, como os conceitos de arquétipo do pai e complexo paterno, suas interações com o abandono afetivo paterno, com foco nas consequências para a autoestima feminina. O trabalho destaca a importância da figura paterna na formação psíquica da mulher e como a ausência dessa figura pode afetar sua autoconfiança, autorrespeito e, conseqüentemente, sua autoestima.

Foi possível observar que a ausência do pai durante o desenvolvimento de uma criança tem repercussões significativas que transcendem a infância, afetando o indivíduo em várias áreas da vida adulta. Tendo em vista que, desde a fase inicial da

vida intrauterina até a formação de habilidades sociais e cognitivas, a presença paterna desempenha um papel crucial no desenvolvimento saudável da criança, é por meio do vínculo entre a criança e seu pai que os pequenos iniciam sua jornada de aprendizado sobre o mundo e as relações interpessoais.

Em termos psicológicos para a psique feminina, observamos que o pai é um dos veículos que auxiliam na projeção arquetípica e relacional dos elementos masculinos do inconsciente feminino, o *animus* na filha e o arquétipo do pai, pois é através dessa relação primária afetiva que a filha tem seu primeiro contato com o aspecto masculino, com o *Logos*, e a partir dessa relação forma seus conteúdos pessoais, ou seja, complexos e sombras no inconsciente pessoal. Esse movimento psíquico só é possível se a filha tem um pai para se relacionar e executar toda essa dinâmica, caso esse pai seja ausente afetivamente observamos com essa pesquisa que essa dinâmica fica comprometida provocando algumas consequências psíquicas na filha.

Tendo em vista o importante papel que o pai apresenta na vida da filha, podemos compreender que a falta desse vínculo pode gerar consequências duradouras, incluindo problemas emocionais, dificuldades de relacionamento e baixa autoestima. Embora exista um reconhecimento crescente dessas questões, tanto em contextos jurídicos quanto psicológicos, o abandono afetivo paterno ainda não é amplamente reconhecido como uma violação passível de punição legal e judicial no Brasil, mas muito se tem discutido sobre o abandono afetivo ferir os direitos do estatuto da criança e do adolescente.

Além disso, compreende-se que a baixa autoestima, a falta ou a redução da autoestima, faz com que a pessoa se sinta inadequada e errada, gerando sentimentos de culpa, insegurança, dúvida e medo de se envolver na vida. A baixa autoestima em mulheres se reflete na forma como elas percebem a si mesmas e em suas vaidades, gerando assim uma busca maior por reparos estéticos. Ou seja, o abandono paterno na infância também afeta a autoestima de crianças que passaram por essa experiência, influenciando seus comportamentos diante da vida até a vida adulta.

Em resumo, mediante essa costura da teoria analítica com o tema, foi possível concluir que o pai real exerce um papel fundamental na formação e desenvolvimento da psique feminina. Através dessa relação entre pai e filha, a mulher realiza seu primeiro vínculo com o masculino, o que permite a humanização do Pai arquetípico diferenciando do seu pai real. A relação entre o pai arquetípico e o pai real é chave

para compreender como a projeção dos aspectos do arquétipo do pai no pai real podem criar complexos paternos na psique da filha, complexos estes que vem a influenciar a relação da mulher com o masculino, afetando fundamentalmente sua autoestima, seu *Logos*, e sua autoconfiança e capacidade de enfrentar desafios na vida.

Essa dinâmica provoca impactos na estruturação do *Logos* feminino, ou seja, do *animus*, parcela masculina do inconsciente feminino. A relação entre o ego e o *animus* desempenha um papel crucial no amadurecimento psicológico da mulher. Um *animus* negativo pode resultar em uma desconexão com o aspecto masculino e, conseqüentemente, em uma dificuldade em formar uma autoestima, ao passo que um *animus* positivo pode reforçar a autoconfiança e facilitar o processo de individuação.

A partir dessa discussão no trabalho, observou-se também a importância da autoestima no processo de individuação, processo pelo qual o ego busca integrar os conteúdos inconscientes e conscientes, visando alcançar uma totalidade psíquica. Destaca-se que o abandono afetivo paterno pode dificultar esse processo, levando a uma falta de autoaceitação, autoconfiança e autoeficácia, componentes essenciais da autoestima.

Por fim, o trabalho ressalta a importância de um ego saudável e fortalecido para lidar com os desafios decorrentes do abandono afetivo paterno. Destaca-se que a construção de uma autoestima sólida e uma boa relação com o *animus* são essenciais para o desenvolvimento psíquico e emocional da mulher, permitindo-lhe enfrentar os desafios da vida com confiança e integridade.

Com base nos resultados da pesquisa, podemos concluir que a hipótese se confirma, o abandono afetivo paterno tem um impacto negativo no desenvolvimento da autoestima feminina e na jornada dessa filha à individuação, comprometendo a formação de um *animus* positivo, dificuldades de se relacionar com o masculino, medo de se desenvolver na vida, inseguranças e baixa autoestima.

A pesquisa forneceu importantes *insights* sobre o impacto do abandono afetivo paterno na autoestima feminina e pode ser útil para profissionais que trabalham com mulheres que sofreram esse tipo de abandono. É importante que as mulheres que sofreram esse tipo de trauma busquem ajuda profissional para lidar com as conseqüências emocionais do abandono e desenvolver uma autoestima por meio do processo do autoconhecimento e individuação, reestabelecendo uma nova relação com um *animus* positivo, caminho proposto por Jung na abordagem analítica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marília Pacheco de; MELO, Giulia Veiga de Leite Ribeiro. *Abandono Afetivo Parental: uma (re)visão crítica, narrativa-sistemática da literatura psico-jurídica em português*. Psicologia Argumento, v. 39, n. 105, p. 588–657, 2021.

ARAUJO, Roberta Carolyne Simões de. *Os Danos Psicológicos Causados pelo Abandono Afetivo: Revisão Integrativa da Literatura Científica*. Universidade de Uberaba, 2022.

AVELAR, José; VEIGA, Maria. *Como entender a vaidade feminina utilizando a autoestima e a personalidade*. Revista de Administração de Empresas. FGV-EAESP, v. 53, n. 4, p. 338–349, 2012.

BARBOSA, Rita de Nazaré Nascimento; VIEIRA, Fernando Gonçalves. *A mulher indígena e a formação do povo brasileiro*. Camilliani, p. 331–344, 2021.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. *A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil*. Revista Psicopedagogia, v. 28, p. 67–75, 2011.

BRANDEN, Nathaniel. *The Psychology of Self-Esteem*. Nova Iorque: Bantam, 1969.

CHAGAS, Maria Inês Orsoni; CAMPOS, Terezinha Calil Padis. *O Complexo Paterno na Psique Feminina e a Sua Influência nos Relacionamentos Heterossexuais numa Perspectiva da Psicologia Analítica*. INDEXPSI, 2000.

CIA, Fabiana; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. *Influências Paternas no Desenvolvimento Infantil: Revisão da Literatura*. Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 2, p. 225–233, 2005.

DAMIANI, Carla Cristina; COLOSSI, Patricia Manozzo. *A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos*. Pensando fam. [online]. vol.19, n.2, pp. 86-101. 2015.

EIZIRIK, Maristela; BERGMANN, Dirce Stein. *Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso*. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*, v. 26, n. 3, p. 330–336, 2004.

FANTINATO, Ana Costa; CIA, Fabiana. *Habilidades sociais educativas paternas e comportamento infantil*. *Psicologia Argumento*, v. 32, 24 nov. 2017.

GARCIA, Ana Carolina Falcone. De pai para filha: as contribuições do pai na construção da identidade da mulher. São Paulo: *Revista de Psicologia*, vol. 16, p. 119–131, 2007.

JACOBY, Mario. *A Vergonha e as Origens da Autoestima: Abordagem Junguiana*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

JACOBY, Mario. *Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com Crianças: Padrões Básicos de Intercâmbio Emocional*. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JUNG, Carl Gustav. *O significado do pai no destino do indivíduo - Freud e a psicanálise*. Petrópolis, RJ: 1998.

JUNG, Carl Gustav. *A Prática da Psicoterapia*. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. *A Vida Simbólica*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. *A Energia Psíquica*. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2015a.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes, 2015b.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. ed.digital 1. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Emma. *Animus e Anima: Uma Introdução à Psicologia Analítica sobre os Arquétipos do Masculino e Feminino Inconsciente*. 2. ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. *O Pai e a Psique*. São Paulo: Paulus, 2002.

LIMA, Antonio Paulo Pinheiro. *Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica*. *Estudos de Psicologia*, v. 33, p. 821–830, 2012.

MENEZES, Renata Pasini de. *O Feminino Reprimido: um Estudo Junguiano sobre a Feminilidade*. Faculdade de Ciências da Saúde – FACS. Curso de Psicologia, 2023.

Nunes, Maíra Meira; Serbena, Carlos Augusto. *Noções de Infância na Psicologia Analítica e Possíveis Convergências*. Revista Brasileira de Psicoterapia, v. 23, n. 2, 2021.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. *Responsabilidade Civil por Abandono Afetivo*. Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões, p. 5–19, 2021.

RIBEIRO, Débora (Lexicógrafa Responsável). Dicionário online de português - DICIO. <https://www.dicio.com.br/autoestima>. Acesso: 27/12/2023.

SGANZERLA, Ilciane Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. *Ausência Paterna e suas Repercussões para o Adolescente: Revisando a Literatura*. Psicologia em Revista, p. 295–309, 2010.

SILVA, Andressa de Souza. *Bruxas e suas casas: a integração da sombra do feminino em Carola Saavedra e Alina Paim à luz da psicologia profunda*. 2021. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

STEIN, Murray. *O Mapa da Alma*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Universidade Federal do Maranhão - (UFMA) *Abandono paterno é a regra no Brasil*. Jtvufma: Gov.Br, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regra-no-brasil>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VIZEU, Brígido Vizeu et al. *Representações sociais do corpo: estética e saúde. Temas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 257-268, 2011.

VON FRANZ, Marie-Louise; JUNG, Carl Gustav. *Seu Mito em Nossa Época*. São Paulo: Cultrix, 1992.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1992.

VON-DER-HEYDT, Vera. *O Pai na Psicoterapia*. São Paulo: HILLMAN, J., 1979.

WEISHAUPT, G. C. et al. *Consequências do Abandono Afetivo Paterno e a (In)Efetividade da Indenização*. Perspectiva, Erechim, v. 38, n. 142, p. 17–28, 2014.